BALADA DE UM BATRÁQUIO,
de Leonor Teles

Por Raquel Morais

O texto seguinte foi produzido por um dos participantes do Workshop Crítica de Cinema realizado durante o Curtas Vila do Conde - Festival Internacional de Cinema. Este Workshop foi formado por um conjunto de masterclasses e debates com convidados internacionais e pela produção de textos críticos sobre os filmes exibidos durante o festival, que foram publicados, periodicamente, na página do PÚBLICO, no blogue do Curtas Vila do Conde, e nas revistas À Pala de Walsh *e* A Cuarta Parede*.*

A loiça da família

Depois de *Rhoma Acans* (2013), vencedor da competição Take One! no Curtas Vila do Conde 2013, Leonor Teles usa novamente a sua genealogia como mote para uma rebelião pessoal. O modo como o faz é ligeiro, conciso e inteligente. Partindo de uma fábula, toma o espectador como uma criança a quem se quer ensinar qualquer coisa,

sem que, ainda assim, caia na armadilha do paternalismo de prescrever uma “moral”.

Ambientado num tempo longínquo, em que animais e plantas viviam em paz, o pequeno conto que abre *Balada de um Batráquio* (2016) não é usado, naturalmente, para explicar uma alegada superstição, mas antes para definir como centro da narrativa (e para, de certa forma, troçar dele) o costume, não circunscrito a Portugal, de colocar sapos de loiça na montra ou no interior de lojas e de outros estabelecimentos para afastar os clientes de etnia cigana.

Naquele tempo pré-humano, o sapo surge como a imagem da discórdia, da exclusão – renegado, contamina com o seu veneno a harmonia entre os seres, irremediavelmente separados como os habitantes de Babel. Assim, o anfíbio, ser “intermédio”, que não pertence nem à terra, nem à água, nem ao ar, torna-se o símbolo da própria xenofobia. Teles partirá então num périplo destruidor do símbolo material daquele ódio, respondendo ao ataque que os outros animais lançam ao sapo – “és medonho” – com um ataque igualmente violento – “sois horríveis”.

Se fazer parte de um grupo não é condição necessária (e muito menos suficiente) para se dizer sobre ele algo de acertado, *Balada* dissemina a voz de uma comunidade a partir do interior dela mesma. O ponto de partida de Teles são imagens de festas ciganas e do casamento dos seus pais, que, por si só, constituiriam um conjunto mais pacífico, e bem menos interessante. Ao lado dessas imagens, coloca as filmagens das suas incursões àquelas lojas onde um boneco de loiça encobre o preconceito contra todo um grupo. Entra, agarra nos sapos e, à luz do dia, alto e bom som, despedaça-os contra o chão. O filme é assim duplamente emancipatório – artística e socialmente.

A vitalidade com que põe o dedo na ferida deve-se, sobretudo, ao modo como efectivamente *age* sobre o real – esse é um dos lados mais interessantes de *Balada de um Batráquio*, que, nesse sentido, vai mais longe do que a sua primeira curta, *Rhoma Acans*,

inscrevendo-se na tradição de um cinema de guerrilha, que, no actual "panorama nacional", não conta com muitos militantes.

A cineasta não se limita a descrever o olhar lançado sobre os ciganos, mas vandaliza, como uma miúda insolente, essa herança, lembrando que, em boa verdade, "Discriminação é Falta de Educação" (o título de uma exposição fotográfica apresentada na Universidade do Porto, em Abril, acerca dos preconceitos contra a comunidade cigana, no ano em que assistimos ao arrastamento da crise dos refugiados e ao inesperado desmoronar da União Europeia depois do *Brexit*).

2016 é também o ano em que Leonor Teles, filha de pai cigano, trouxe para Portugal um Urso de Ouro e em que a vitória portuguesa no Campeonato Europeu de Futebol muito deve a jogadores de bairros marginalizados e de etnias que diariamente são alvo de discriminação (um cigano do Casal Ventoso, um negro da Musgueira, um brasileiro nacionalizado português, um inesperado goleador originário da Guiné-Bissau, apenas para mencionar os casos mais notórios). 2016 revela-se como um bom ano para repensar a conveniência com que nos servimos da prata da casa.